



NO MOVIMENTO DO CALEIDOSCÓPIO SOCIAL SEMPRE ENCONTRO O OUTRO

SILVA, Luzia Ireny e¹

Resumo

Este artigo pretende abrir reflexões do saber fazer de professores e lideranças comunitárias, sobre as suas vivências religiosas, ou espiritualidades, enquanto cultura do cotidiano profissional, na comunidade moderna. E assim dialogar sobre as representações religiosas construtoras do seu *ethos religiosus*, como contribuição de estudos para conferir e a influência deste no trabalho educativo diário, em pesquisa futura.

Palavras chave: Educação; Cotidiano; Cultura; Interpretação; Religiosidade.

Introdução

A reflexão, o jogo ou objeto que acaba de ser construído virtualmente (caleidoscópio) torna apenas uma ferramenta para que: “a presença não seja algo simplesmente dado que ainda possui de quebra a possibilidade de poder ser alguma coisa” (HEIDEGGER, 2006, p. 203), ou seja, a possibilidade de ser para si mesmo e para o outro. Esta dinâmica pode ser feita em qualquer momento sem contraindicação, pois da mesma forma pode-se encontrar em nova posição e até retornar ao conforto ou inquietação de si mesmo. Nas topografias da consciência de morte o recurso é domesticar o tempo, delimitar espaço, enquanto busca a compreensão de ser.

Ver um pouco o cotidiano religioso

O sagrado é uma categoria religiosa complexa, embora usada em outras expressões humanas, no campo religioso se constitui como “indizível”. Ele se manifesta absolutamente diferente do profano, na sua totalidade, Ele se opõe a esta outra forma do ser humano estar no mundo. Aliás, pertence a outro mundo, porém torna ser-presença a partir de um centro fronteiro, seja uma edificação ou a própria natureza.

Para o homem religioso não existe termo que comporta a dimensão desse sagrado, é “indescritível”. O sentimento experimentado é de um *misterium tremendum*, um temer paralisante, mas extasiante, do qual aquele empenha para preencher-se dele, pois é o pleno poder tão desejado pelos humanos.

¹ Mestranda em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
luzireny@hotmail.com



Em Heidegger (2006, p. 223) encontra-se que a fala é linguagem aberta às significações, tem em si o modo de ser no mundo, como também o silêncio e a escuta, assim como a articulação verbal está fundada na fala, também a percepção acústica. A escuta abre para ser com o outro.

Então como silenciar frente experiência religiosa experimentada, a não ser no silêncio preparativo para o momento da abertura para a escuta no sentido de ser o que é.

Para Parker (1995, p. 144) a população urbana, influenciada pelos modos de vida e valores locais adquire traços diferentes dos modos de vida e valores campestres, inclusive na religião, sem deixar as tradições totalmente. Muitas vezes revitalizam as magias e a superstição, no caso do catolicismo popular, que concorre com outros agrupamentos sociais, mas é nas celebrações cotidianas, nos lares, que tem mais assegurado às tradições. Os festejos institucionais vão mudando o formato e sentido. A religião é mais periódica destacando em momentos críticos ou de passagem, quando são realizados os pactos com as divindades. É grande a variedade de ritos, crenças, mitos, devoções, símbolos, signos, palavras, expressões que tem acesso alimenta e dá sentido a religião, nessa sociedade moderna e contraditória.

O olhar converge mito e conhecimento científico

Como concordar que a interpretação se fundamenta no *compreender*: se a interpretação está sujeita às modificações, embora ocupe lugar privilegiado da problemática – demonstrar, informar, enfim comunicar.

O axioma básico subjacente naquilo que poderíamos talvez chamar de “perspectiva religiosa” é o mesmo em todo lugar: aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar (GEETZ, 1989, p. 126).

O mito

O mito é vivo por ser modelo para a conduta humana, dá significado e valor à existência dela. Nas sociedades tradicionais e arcaicas, onde os mitos estão vivos para justificar os comportamentos e atividades humanas, ele, mito conta uma história sagrada e verdadeira, nos primórdios, cujos personagens são Entes Sobrenaturais revelando suas atividades criadoras. Até nas atividades profanas a pessoa, tem por modelo as façanhas de desses. Aquele narra não só a origem do mundo e dos seres vivos, mas todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se tornou o que é até hoje, para muitos.



Pelos mitos se aprende o segredo das coisas desde a sua origem, quando se repete os que os Entes Sobrenaturais fizeram, re-atualiza-se os feitos Deles em ritos. Aqueles enaltecem e codificam a crença, enfim, salvaguarda e impõe princípios morais.

Segundo Reimer (2006, p. 19) Logo no início da Bíblia hebraica e cristã, *Yahveh* é o Deus criador do céu e da terra e de tudo que há nela. Mas do ponto de vista científico o cosmo é fruto do acaso, em busca do sentido para o ser humano no universo, dentro da diversidade tanto científica como religiosa cada vertente tem a sua certeza para refrigério das angústias existencial. Enquanto que para os Kajará nativos goianos, o seu povo surgir das profundezas das águas do Rio Araguaia que podia sair e retornar, mas que encantou com o espaço terra também, e foram da água permaneceu.

Uma das formas mais profundas de dar sentido as convicções para homem religioso são os mitos. Continua Reimer em sua obra *Toda a Criação: Bíblia e ecologia*. O povo de Israel, sob fortes questionamentos, afirma que as páginas iniciais da Bíblia são registros da comunicação divina ao ser humano. A narrativa de como as diversas divindades mesopotâmicas foi se formando junto com a criação do mundo de seres humanos e do trabalho para os deuses, bem como a descrição para a imagem de Deus não foge à regra. Gênesis¹ apresenta uma linguagem mitológica israelita de criação, num tempo em que o povo de Israel foi deportado para a Babilônia. Pode-se perceber pelos sinais culturais expressos nas reelaborações dos relatos míticos, apresentados na sequência dos sete dias da criação. No conflito de dominância cultural e religiosa, Israel dá um novo sentido a própria cosmologia do contexto. O mito mostra a origem das coisas num tempo remoto, mas também critica a realidade pela forma que são narrados. Na marcação do tempo de trabalho e de descanso, os elementos que formam os elos da comunidade da criação, o ser humano faz parte do todo, mas ficam sujeitos a ele a terra e o domínio dos animais, enquanto imagem e semelhança do criador.

As crises ambientais, segundo Reimer (2006, p.125) apontam para a necessidade de se fazer releitura dos mandatos no sentido de submetê-los ao aproveitamento sustentável, limitar a violência, e retomar o direito ao descanso. Enfim cuidar de toda a criação ao transformar o ambiente natural em ambiente cultural e assim garantir o ciclo da vida. Realizar uma hermenêutica eco-cêntrica fazer da casa da criação – o cosmo, o espaço de *inter-retro-relações* em que o *criadore* mantenedor dele e conseqüentemente da vida, Deus, seja sempre o princípio da fé apresentada pela linguagem mitológica. Para compreender o pensamento exegético de ecologia é preciso reorganizar, sistematizar e definir correntes que culmine na relação do homem com tudo a sua volta. Numa visão holística, a terra é casa criada por Deus em que todo ser tem a responsabilidade de cuidar, visto que é ser



reflexível, e pode tomar os textos fundantes da tradição Judaico-cristã e alinhar aos gemidos de toda a criação os gemidos do povo pobre de Deus.

O povo pobre de Deus (mulheres, crianças minorias representadas) sujeita à presença de Deus, discerne a palavra Dele e a comunica a outros em seus contextos, por conseguinte, e assim conseguem dar rumos libertadores no campo político, ideológico, e cultural. A ruptura hermenêutica da libertação entra em contradição com a hermenêutica opressora sem que se fale disso. A Bíblia abstrata, sem raízes históricas e sem força espiritual fica vulnerável às forças opressoras, seja na tradução, na semântica ou na estrutura. Resgate espiritual – ler para discernir a Palavra de Deus que se faz presente e se revela entre o povo. Resgate de sentido textual e histórico ao aprender métodos exegéticos e por fim resgate da exegese e de exegetas profissionais, ou seja, promoção de uma leitura popular da Bíblia com profundidade espiritual, textual, e histórica.

A religião oficial, no Brasil, por muito tempo foi a católica, porém o povo expatriado (menos a nobreza portuguesa) e nativo mescla sua religiosidade às impostas pelos profissionais da fé oficial e constrói outra matriz religiosa, na qual não se pode reconhecer asiática, africana, europeia ou americana. Obra exclusivamente do povo para solucionar suas buscas cotidianas, cabendo ao hermeneuta o cuidado de manter o sentido textual e histórico para que a palavra do sagrado não sofra danos.

A Bíblia é o centro, para parte dos cristãos, que começa na realidade com o ver e termina na realidade com o agir; a Palavra de Deus como uma orientação estratégica, uma metodologia, uma inspiração, uma força em busca de alternativas para um mundo, em que todos tenham vida e esta em harmonia com toda a natureza e assim resistir às forças de morte em todas as dimensões: econômica, social, cultural, ética e espiritual, Num país de diversidade religiosa, como no Brasil as transformações podem ser presença na consciência religiosa, no imaginário religioso coletivo ou na simbologia da fé, bem como na exegese produzida na grande casa terra.

A formalização, afirma Damatta (1989 p. 110) varia desde o pedido, a súplica, a ordenação, isso vai depender da escolha no vasto mercado dos bens religiosos. Predominando ritos suplicantes acompanhados de renúncias no mundo terreno. Desde as mais solitárias às coletivas unindo preces e pedido e cenário num só pacote para chegar às profundezas do infinito ou simplesmente ao céu, aquilo ali visível. Seguindo a hierarquia no “alto” está tudo que é superior, nobre, forte e poderoso ligando tudo aqui em “baixo” pela reza, oferenda e pactos. As formas individuais, mais fracas que as coletivas, muitas vezes são acompanhadas de oferendas, promessas, objetos e sacrifícios obrigando as divindades a atender a súplica na solução do problema.



Circunvisão religiosa

Geertz (1989, p.103) adota a cultura como um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetua e desenvolve seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. E “os símbolos sagrados têm por função sintetizar o *ethos* de um povo, ou seja, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas, sua visão de mundo” – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Em confrontação e confirmação, ora como condições de vida imposta, ora como experiência da sua verdade, se estabelece a crença.

Concordo com Parker (1996, p.53) ao conceituar “cultura popular como ampla produção cultural dominada, porém de forma alguma anulada, nem totalmente submetida em sua capacidade de resistência e de inovação quanto ao mais, na capacidade criativa do povo em matéria religiosa”.

Como a religião é um dos pilares da construção contínua do mundo social e a sociedade, se constitui e é constituída pelo ser humano, pelo processo dialético de “*exteriorização, objetivação e interiorização*”. Para Berger (1985, p.17) pode-se compreender o ser humano que em sua incompletude interage com o ambiente exterior para a formação de sua personalidade e apropriação da cultura. A cultura material e não material totalidade dos produtos e conhecimentos humanos existe fora da consciência humana, mas se encontra a sua disposição, portanto assume *status* de realidade objetiva e exterior. A sociedade é produção não material, mas real, objetiva, exterior e coercitiva. Coercitiva porque dirige, sanciona, controla e pune o indivíduo por seu poder de se constituir e se impor como realidade. A objetividade da sociedade se estende a todos os seus elementos constitutivos. As instituições, os papéis e identidades existem como fenômenos objetivamente reais do mundo social, embora eles e este mundo sejam ao mesmo tempo produções humanas.

E de acordo com ele é pela socialização que o indivíduo aprende a interiorizar o mundo objetivo e combinar com o mundo subjetivo, de modo assimétrico. As instituições, os papéis e as identidades além de serem apropriados pelos indivíduos como realidade própria encadeiam esta como tradição, garantindo o sucesso da exteriorização e objetivação.

A religião explica o que as ciências e as tecnologias não conseguem explicar, ela dá consistência aos momentos de passagem: do nascimento a morte, enfim qualquer escala existencial, de ordenação complexas para a compreensão humana. Portanto, a religião,



ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta essas imagens no plano de experiências humana.

A importância da religião está na capacidade de servir ao indivíduo e ao grupo como fonte de concepções gerais seu modelo *da* atitude e das disposições mentais, seu modelo *para* a atitude. Dessas funções culturais podem emergir outras funções. O papel social e psicológico da religião é compreender de que maneira as noções dos homens do “verdadeiramente real” bem como as disposições que as noções induzem neles um colorido racional, do prático, do humano e do moral. Quais são os alcances, visto que as lacunas são grandes entre a religião recomendada e o que as pessoas fazem culturalmente comenta Hertz (1989, p.109).

Nesse sentido, as diversas construções humanas se complementam para atender a complexa existência humana.

Para Damatta (1989, p.111) a religião se apresenta como comunhão não só com os deuses, mas também com os seres vivos do mundo. Ela explica os infortúnios (aflições, calamidades, injustiças e sofrimentos), ela dá sentido à vida. Legítima e justifica a organização social marca momentos dramáticos de crise de vida e de passagem. Dependendo de cada situação social ou histórica, a religião assentada numa cultura popular pode ser fator de alienação, de identidade popular, de resistência diante da cultura dominante ou oficial, reforço ético para uma ascensão social ou para um projeto de transformação social.

O campo religioso, numa sociedade de classe, poder exercer o papel de agilizador da luta de classe para garantir sua hegemonia ou pode funcionar, inversamente, como obstáculo para as classes dominantes e ser o meio de auxiliar a autonomia das classes subalternas (PALEARI, 1990, p. 58).

Parece ser marca do imaginário coletivo das sociedades em situação de êxodo com expectativa para o novo mundo como sendo o paraíso de paz e prosperidade aqui em baixo, e o que se encontra sempre o outro já habitante, semidemoníaco que coloca o chegante em provação. Os anfitriões por sua vez, se perturbam no todo harmônico vivido de outrora. Como encarar o grande paradoxo presente, a necessidade de colocar o outro como “o diabo”?

O olhar que reflete: Identidade

A identidade e a diferença nos espaços coletivos, também envolve relação de poder, portanto participam da dinâmica de ser criada e recriada no imaginário social. A relação com o outro nas sociedades complexas continuarão sendo inevitáveis e de grande



estranhamento, qualquer que seja o outro, desde outro gênero, outra nacionalidade, outra religião, outra divindade, outro conhecimento.

No processo de institucionalização de uma religião a divindade antiga tem que ser apresentada como “demônio”, no sentido atual e banalizado da palavra hoje.

“Porém na instituição escolar torna mais fácil, conforme propõe Silva (2000, p.100), estimular e cultivar os bons sentimentos e a boa vontade para com a chamada ‘diversidade’ cultural parece ser a saída para que os alunos possam entrar em contato com as diversas expressões culturais de diferentes grupos, recriando dicotomias, desde que, dominantes sejam tolerantes e dominados tolerados. Outra estratégia seria a de que a “diversidade é natural” é boa, se rejeitar o diferente como distúrbios psicológicos. Problematizar discriminação e preconceito evidenciados e questionar a relação de poder produzida”.

A institucionalização da religião se desenvolve nos padrões das orações – cultos, que são os gestos, palavras, refeições sacramentais e sacrifício e meio simbólico para comunicar o fenômeno religioso voltado para o sagrado em busca da reiteração solidária deste. O rito possibilita, ao seu fiel o bem estar e força. Posteriormente desenvolver a doutrina – conteúdos e teologia - regras práticas para o funcionamento, como afirmação de determinada tradição religiosa. Desde que as experiências religiosas não institucionalizadas, não sejam consideradas menos sagradas.

As instituições constituídas enfrenta a crise da plausibilidade que é a maior evidência da secularização, especialmente para o homem comum, que não tem a segurança de tempos anteriores, na religião. A religião não é mais imposta pela tradição e sim colocada no mercado atendo a lógica deste. A pressão por resultado desencadeia a burocratização das instituições religiosas como de quaisquer outras instituições. Desencadeando concorrência ou ecumenismo, nestes os indivíduos assumem *status* companheiros com problemas similares, a exemplo da cartelização. Sem perder a qualidade teológica para muitos propõe Beger (1985. P.153).

Dentro de uma mesma religião o cristianismo, por exemplo, a concorrência mercadológica segue o modelo de outros mecanismos da sociedade capitalista, o neopentecostalismo, ágil, apresenta no mercado religioso, via recurso midiático, serviços que atenda as necessidades mais imediatas da população, enquanto os concorrentes da mesma crença não admite ficar para trás.

As minorias religiosas parecem seguir a lógica do mercado informal, muitas vezes, sem o espaço, inclusive na mídia, apela apenas para aqueles que creem, apela apenas para o ser no tempo, muitas vão resistindo. E faz da sua experiência religiosa o sentido da



vida, vida que se emaranha com da natureza. As matrizes religiosas de origem africana vão cada vez mais ganhando expressão, transitando entre tradição de origem adequando ao novo mundo e contexto. Como ser no mundo, sem deixar de encantar com alteridade da aldeia global.

Considerações finais

O fenômeno religioso não se esgota, visto que enquanto realidade social passa por processos de rupturas, de continuidades de releituras e de reformulações de seus conteúdos, práticas, profissionais e legitimações. Novas topografias alterando cartografias e estatísticas, visto que as grandes religiões ocupam o espaço com outras religiosidades, mas que os fiéis por sua vez transitem livre quintal cósmico.

Nas celebrações institucionalizadas os diferentes agrupamentos experimentam presença direta ou indiretamente na figura profissional, uma experiência nos moldes da estrutura da sociedade sim, tal quais outras instâncias da vida coletiva ou individual, com o diferencial na sujeição, ao poder indescritível, que seja percebido nas relações cotidianas. Poder pelo qual muitos desamparados, marginalizados e desprovidos na hierarquia social, encontram sentido para a vida, não encontrado em outras relações, por isso ganha o *status* de ser passado de geração para geração, nas passagens significativas entre a vida e morte.

Na sociedade moderna encontrar possibilidade existencial no ambiente institucional religiosa ou não de vivências comunitárias parece à forma mais concreta de mover para além da dura realidade de vida, em busca de expectativas junto ao outro.

Nas diversas formas e localidades de êxodo do povo pobre de Deus, a exemplo dos marginalizados portugueses que encontraram aqui no Brasil entre nativos e expatriados da África, possibilidades de resignificar sua cultura religiosidade para os embates cotidianos.

A êxtase maior nas instituições educativas, religiosa e difusoras de ideias é colocar a casa Terra no caleidoscópio imaginário e focar nos esforços de cada ser presença, para que imagens convergentes sejam aproveitadas nas reconhecidas diferenças. Para uma produção de conhecimento: das pessoas, das ideias, das políticas públicas, enfim, construção de cada momento que puder ser vivido por todos com menos gemidos e mais encantamento da criação do Deus nos cuidados com sua morada.



Referência Bibliográfica

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A Religião como Sistema Simbólico** in: A interpretação das Culturas. Ed. LTC, Rio de Janeiro. Guanabara, 1989, p. 100-142.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Vozes, 2006.

PALEARI, **Religiões do povo: um estudo sobre enculturação.** São Paulo: A M Edições, 1990.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina.** Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da; Hall Stuart e Woodward Katharyn. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-100.

REIMER, Haroldo. **Para uma hermenêutica de textos sagrados.** In: Toda a Criação: Bíblia e ecologia. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 9-44.